

Máfias usam três novas apps para fugir às autoridades

Criminosos conseguem comunicar de forma cada vez mais encriptada sem serem detetados pela polícia

HUGO FRANCO

As polícias europeias e norte-americanas conseguiram infligir um golpe duro às redes criminosas, entre 2020 e 2021, ao desmantelar três das mais importantes aplicações encriptadas de comunicação usadas pelas máfias: o Encrochat, o Sky ECC e o Matrix. Milhões de mensagens foram interceptadas, permitindo às autoridades prenderem milhares de suspeitos de homicídio, tráfico de droga ou de pessoas e apreenderem centenas de toneladas de droga, bem como congelar largos milhões de euros 'sujos'.

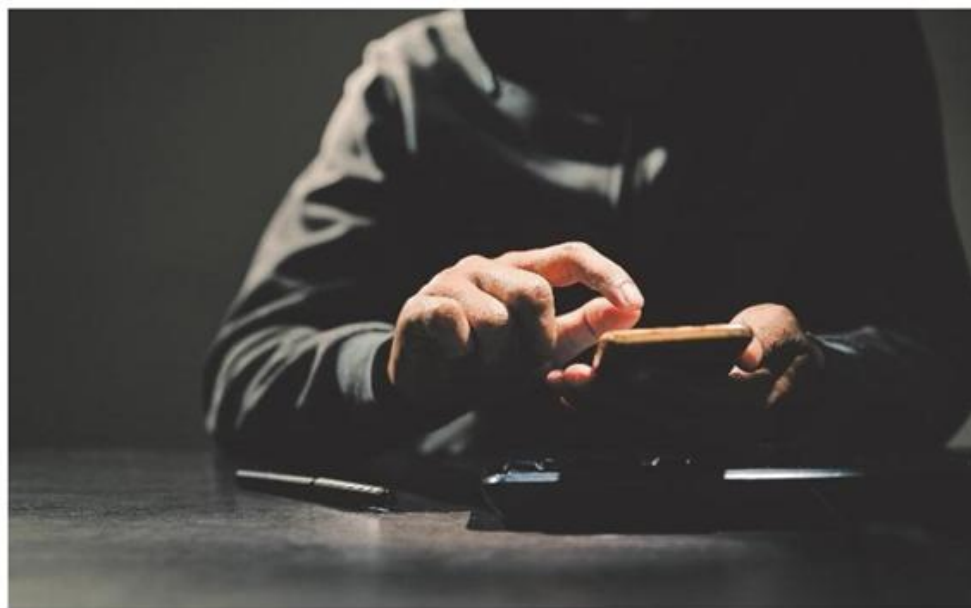
Os efeitos destas investigações conjuntas continuam a

sentir-se alguns anos depois, inclusive em Portugal. As provas recolhidas nos servidores destas plataformas permitiram chegar a Rúben "Xuxas" Oliveira, considerado o principal traficante português e que liderava uma rede que trocou 60 mil mensagens para combinar negócios de droga através do Encrochat. Mas recentemente, o grupo a que alegadamente pertencia o cantor Nininho Vaz Maia foi desmantelado com indícios obtidos no Sky ECC.

Segundo fontes policiais, as máfias rapidamente souberam reerguer-se depois deste "breve desaire" e conseguiram criar e introduzir no meio criminal outras plataformas encriptadas com um

grau de sofisticação superior às antecessoras: as três mais utilizadas atualmente são a Zangi, a No.1 Business Communication e a Threema. "Vemos não só mensagens apagadas automaticamente com tempo de duração mas também uso de *hotspot* portátil para não dar células ou localizações e sistemas ou palavras de código para o aparelho voltar à formatação de fábrica", descreve um

Há aplicações com encriptação de nível militar que são "refúgios para operações ilícitas"



operacional com vários anos de combate ao crime organizado.

Os segredos das apps

A No.1 Business Communication tornou-se uma das plataformas preferidas no submundo do crime devido à combinação de anonimato extremo, arquitetura fechada e distribuição discreta. Os dispositivos não requerem número de telefone, *e-mail* ou identificação pessoal para funcionar. Os utilizadores pagam entre €1300 a €1700 por uma subscrição de seis meses, ficando a aplicação disfarçada entre outras, inofensivas.

Já a Threema é muito usada por utilizadores legítimos

mas acabou por ser explorada por redes criminosas, pela sua arquitetura descentralizada e ausência de identificação obrigatória. A empresa helvética mantém uma política firme de não cooperação com as autoridades sem um mandato legal suíço.

Por último, a Zangi implementa segurança de nível militar e três níveis de encriptação para mensagens mais seguras. Cada utilizador recebe um número privado atribuído pela aplicação, garantindo anonimato e proteção contra rastreamento. Além disso, as mensagens não são armazenadas em servidores, sendo mantidas apenas nos dispositivos dos utilizadores.

As novas plataformas de comunicação segura usadas no submundo do crime são a Zangi, a No.1 Business Communication e a Threema. FOTO JUYOCHI/

GETTY IMAGES

Ao Expresso, Bruno Castro, fundador e CEO da VisionWare e especialista em cibersegurança, confirma que "as plataformas de comunicação seguras e com elevados padrões de encriptação têm desempenhado um papel crescente nas redes criminosas". Lembra que "o uso anónimo e a ausência de armazenamento centralizado de dados torna-as atrativas para quem procura escapar à vigilância das autoridades". E deixa um alerta: "É urgente reforçar a cooperação internacional e entre sectores público e privado" para "desmantelar essas infraestruturas que se tornaram refúgios digitais para operações ilícitas".

hfranco@expresso.impresa.pt